

Identidades transgressoras na tradução para dublagem de Almodóvar

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v49i3.2654>

Fabio Ricardo Macedo¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar o *camp talk* (fenômeno sociolinguístico que ocorre entre alguns falantes homossexuais masculinos) na tradução para dublagem dos filmes *Todo sobre mi madre* (1999) e *La mala educación* (2004), ambos de Pedro Almodóvar, com foco na maneira como as identidades performadas pelos personagens *gays* e *transgêneros* foram recriadas no texto traduzido, apurando se houve maior assimilação à ideologia heteronormativa dominante ou se tal tradução foi recriada para servir como resistência diante dessa mesma ideologia. Isso será analisado de acordo com os conceitos de engajamento na tradução e de sexualidade e linguagem, defendidos por Venuti (2013), Butler (2016), Harvey (1998), Mendes (2006, 2012) e Gonçalves (2003). Na análise realizada, pôde-se perceber que o filme *La mala educación* apresentou maior tendência a assimilar essas identidades, ao passo que a dublagem do filme *Todo sobre mi madre* apostou em traduções mais heterogêneas que deixassem visível a identidade *transgênera* da personagem Agrado.

Palavras-chave: linguística aplicada; identidade; estudos da tradução; *camp talk*.

¹ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; fabiomacedo7@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-7884-4911>

Transgressive identities in the dubbing of Almodóvar's movies

Abstract

In this work, we analyze camp talk: a sociolinguistic phenomenon that occurs among male gay speakers, more specifically in the 1999 film *Todo Sobre Mi Madre* (All About My Mother), and in the 2004's *La Mala Educación* (Bad Education), both by Pedro Almodóvar. We focus on the way the identities performed by gay and transgender characters are recreated with the translated script, whether if there was more assimilation to the dominating heteronormative ideology, or if they used words that were rather an act of resistance against these principles. This is to be analyzed as per the concepts of engagement in translation and sexuality and language, advocated by Venuti (2013), Butler (2016), Harvey (1998), Mendes (2006; 2012), and Gonçalves (2003). In this analysis, we noticed that *La Mala Educación* had a higher trend in assimilating such identity whereas *Todo Sobre Mi Madre* invested in more heterogeneous interpretations, making Agrado's transgender identity visible.

Keywords: applied linguistics; identity; translation studies; camp talk.

Introdução

Com os avanços propiciados pela modernidade e pela pós-modernidade, com destaque sobretudo para a globalização, a sociedade moderna tem assistido à emergência de diversos grupos étnicos e sociais que precedem a criação de novas identidades. Mulheres, negros, homossexuais e transexuais, indivíduos até hoje com direitos restringidos e com uma voz pouco ressoante na sociedade, têm atraído atenções que até outrora se centravam apenas no homem cis² branco heterossexual ocidental.

Infelizmente, muitas vezes, as atenções que tais segmentos sociais recebem não são sinônimas de boas notícias, uma vez que, pelo fato de *gays* e mulheres transexuais serem diferentes do padrão e por causarem estranhamento, sofrem o preconceito de uma sociedade que os marginaliza apenas por serem o que são. Entretanto, o fato de atraírem a atenção também pode ser um indício de que finalmente estão sendo vistos como seres humanos e corpos políticos, detentores de uma infinidade de pautas e reivindicações que buscam asseverar seu lugar na sociedade que os oprime, mas sem a qual eles não conseguem existir.

2 Os *cisgêneros* ou "cis" seriam, de acordo com o *Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião* de Jaqueline de Jesus (2012), "as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento"

Por conta de sua ingerência na comunidade, as diversas identidades pós-modernas têm sido retratadas em livros, filmes e novelas por meio de sistemas de representação; esses produtos, por sua vez, e em decorrência da globalização, estão em questão de segundos do outro lado do globo, ditando padrões, comportamentos, estilos e ideologias, e isso só é possível devido à tradução. A tradução, portanto, deve ser considerada formadora de identidades por promover o encontro da diferença e da diversidade – se usada pelo tradutor com esse fim –, pelo fato de o estrangeiro imiscuir-se no doméstico e, assim, movimentar diferentes ideologias dentro da sociedade na qual está inserido.

Tendo em vista as questões suscitadas acima, o presente trabalho busca analisar a maneira como as relações entre identidade e diferença interferem na prática tradutória, seja ela concebida estritamente como interlingual (JAKOBSON, 1971) ou de uma maneira mais ampla, sendo interpretada, também, como tradução de nossas práticas sociais. Para tal, o presente artigo dedicará as seções seguintes a considerações sobre os Estudos da Tradução (ET), focando principalmente questões relativamente recentes de engajamento na tradução; identidade, gênero e sexualidade; e uma breve explicação da metodologia utilizada na análise do *corpus* para, em um último momento, ocupar-se de questões relativas à análise e aos resultados do *corpus*.

Ativismo na tradução

George Steiner (1998) afirma que, durante séculos, a área conhecida como Estudos da Tradução ficou presa em um debate puramente linguístico que girava em torno da tricotomia “tradução do sentido”, “tradução literal” e “tradução fiel”, estando algumas delas, sobretudo a de textos religiosos, à mercê do controle da Igreja, como revela a Carta de Martinho Lutero, na qual o clérigo rebate as críticas da igreja católica por haver acrescentado uma palavra “*allein*” em sua tradução da Bíblia para o alemão vulgar sendo que seu “equivalente” não constava no original.

Com o passar dos anos, as reflexões relacionadas ao fazer tradutório foram evoluindo, mas até a década de 1970, por exemplo, ainda mantinham um viés predominantemente linguístico em que abundavam prescrições de como deveria ser uma tradução aceitável nem deixavam a concepção hermenêutica que concebia um texto como um receptáculo de significados estáticos que deveriam ser apreendidos e retransmitidos de maneira equivalente no texto traduzido.

Foi apenas na segunda metade do século XX que alvoreceram as primeiras teorias que abriram espaços para a inserção da dimensão cultural nos Estudos da Tradução, como é o caso da Teoria dos Polissistemas, da qual foram precursores os acadêmicos israelenses Even-Zohar e Gideon Toury. Essa corrente enxergava a cultura como um sistema múltiplo, composto por vários outros sistemas que se cruzam e se relacionam de maneira estruturada e interdependente (EVEN-ZOHAR, 2013). A literatura é um

deles, cujo funcionamento passa inerentemente por relações de poder, uma vez que as literaturas e culturas não são simétricas, o que é evidenciado pelo grande desbalanço entre as traduções do e para o inglês em comparação com outros países.

Anos depois, influenciado pelos conceitos de Toury e Even-Zohar, Theo Hermans – que, junto com André Lefevere e José Lambert, funda a conhecida Escola da Manipulação – apresenta sua visão de literatura traduzida como

[...] uma abordagem da tradução literária descritiva, organizada ao texto traduzido, funcional e sistêmica, e um interesse nas normas e restrições que regem a produção e a recepção de traduções, na relação entre tradução e outros tipos de processamento de texto e no local e na função das traduções dentro de uma determinada literatura e na interação entre literaturas. (HERMANS, 1985, p. 10-11).

A partir dessa abordagem, inaugurava-se um paradigma descritivo e focado nas línguas e culturas de destino, diferentemente dos anteriores que se atinham à cultura e ao texto de origem e operavam apenas no cotejo entre original e tradução. Um aspecto importante dessa visão de Hermans é que ela se relaciona às normas e restrições inerentes ao sistema literário que vai ao encontro da noção de “patronagem” concebida por Lefevere (1992), que consiste nas posições ocupadas por sujeitos com poder que controlam o fomento ou a censura à publicação de uma obra literária.

(re)escrita é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade. As reescritas podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos recursos, e a história da tradução é também a história da inovação literária, do poder formador de uma cultura sobre outra. Mas a reescrita também pode reprimir a inovação, distorcer e controlar, e em uma época de crescente manipulação de todos os tipos, o estudo dos processos de manipulação da literatura, exemplificado pela tradução, pode nos ajudar a adquirir maior consciência a respeito do mundo em que vivemos. (LEFEVERE, 1992, p. vii).

A tradução para o autor está inescapavelmente sujeita à ideologia daqueles que a manipulam, como editores, revisores, tradutores e toda a cadeia editorial, não sendo apenas um escrito “modificado”, mas uma nova escrita na qual estavam contidos os vieses e visões de todos aqueles por cujas mãos o texto passou.

As teorizações surgidas com a Escola de Manipulação abriram caminho para conceber a tradução com base nas relações desiguais entre culturas, uma vez que os papéis que determinadas nações desempenham no mundo são distintos e isso não pode ser ignorado. Além disso, levando-se em conta que fatores políticos, econômicos e sociais

contribuem para a criação, manutenção e desestruturação de simulacros, a tradução também passou a ser vista como cenário em que se operam relações de poder.

Nesse contexto, Bassnett (2002, p. 23, tradução nossa³) chama a atenção para a importância que têm as questões culturais para os Estudos da Tradução, afirmando, inclusive, que a “língua [...] é o coração dentro do corpo da cultura”. Essa mudança de paradigma ficou conhecida como “virada cultural”, em que não só a cultura como a ideologia adentraram a referida área. Foi nesse âmbito que diversos autores defenderam uma espécie de ativismo na tradução, que consiste na atuação do tradutor a fim de minimizar as relações desiguais que ocorrem no empreendimento de uma tradução. Essas relações desiguais são evidenciadas, sobretudo, nos grupos minoritários compostos por mulheres, negros, homossexuais, transgêneros⁴. É importante destacar que, embora as mulheres sejam maioria no mundo e no Brasil, essas ainda sofrem discriminação em vista da supremacia masculina – que também é branca, heterossexual e cisgênero – e são, por consequência, vítimas não só de violência física no seio de seus agregados familiares, como também da violência simbólica, nos termos de Bourdieu (2012).

Na visão de Venuti e de alguns pós-estruturalistas, o tradutor deve atentar-se para que sua obra não dissemine vieses advindos da cultura hegemônica que oprimam ainda mais as identidades já marginalizadas. O autor discute até que ponto é possível “enxergar a tradução como interveniente junto à cultura pós-moderna adotada pelo corrente consenso econômico geopolítico” (VENUTI, 2013, p. 18), uma vez que a tradução é fundamental na consolidação e na impulsão de grandes conglomerados empresariais em âmbito global e, assim,

[...] pode interferir junto à condição pós-moderna, subvertendo os simulacros que impulsionam a economia global. Um tradutor poderia assim utilizar as imagens, as figurações sobre as quais o capital se apoia, para provocar um curto-circuito no sistema, bloquear a circulação de simulações de modo a questionar tanto essas figurações quanto as práticas de consumo que elas fomentam. Essa intervenção é singularmente pós-moderna, na medida em que se choca contra o fluxo global de simulacros, característico do capitalismo multinacional e permeia as instituições sociais e culturais. [...] (VENUTI, 2013, p. 355).

3 No original: “language, then, is the heart within the body of culture”.

4 De acordo com Jaqueline de Jesus (2012), denominam-se *transgêneros* as pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado no nascimento. É importante ressaltar que não há consenso sobre o termo no Brasil e que a definição aqui apresentada se destina a fins didáticos.

Maria Tymoczko (2010), por sua vez, enxerga os tradutores como importantes ferramentas no que diz respeito à reprodução e contestação de identidades, afirmando que são essenciais na mudança social. A autora diverge de Venuti no que diz respeito à nomenclatura empregada por ele, pois considera o termo “resistência” mais “reativo” do que “ativo” e muito genérico, sem alvos predefinidos ou bem delineados. Outra importante consideração que Tymoczko aventa é que ao ofício do tradutor é inerente o processo de fazer escolhas, e esse movimento traz consigo uma inevitável parcialidade que o obrigará a se opor a determinadas questões e apoiar diversas outras durante o empreendimento de uma tradução, mesmo que isso ocorra de maneira velada, como por meio de construções sintáticas e por escolhas lexicais que desvelem sua ideologia.

O aspecto ideológico da tradução é intensificado porque os tradutores fazem escolhas sobre quais valores e instituições apoiar e aos quais se opor, determinando estratégias ativistas e escolhendo quais lutas lutar, mesmo quando eles também fazem escolhas sobre o que transpor de um texto de origem e o que construir em um texto de destino. [...] As parcialidades são o que diferenciam as traduções, permitindo-lhes que participem na dialética do poder, no processo contínuo do discurso político e nas estratégias de mudança social. (TYMOCZKO, 2010, p. 9, tradução nossa)⁵.

Vale a pena destacar que evitar imiscuir-se na seara política também se constitui como uma tomada de posição, já que o indivíduo assume necessariamente o lado do silêncio e da inação. Amorim (2014) aborda essa questão na pesquisa realizada usando como *corpus* o livro *Giovanni's Room*, escrito por James Baldwin e publicado em 1967 no Brasil. Na contracapa do livro, cuja temática explora a relação homoafetiva entre David e Giovanni, o jornalista Paulo Francis, responsável pela apresentação da obra, afirma que a tradução do livro adquiriu um posicionamento universalizante e de caráter não político, sem politizar as lutas por direitos de minorias. A pesquisa de Amorim aponta que o tradutor e o grupo editorial deixaram de lado manifestações engajadas dentro da escrita para dar lugar a um texto valorizado apenas no critério estético, por meio do uso de termos mais rebuscados e construções mais formais, como se vê na oração “*was suddenly afraid*” que foi traduzida como “Assaltou-me repentino medo” e o advérbio “*sometimes*” que, em português, tornou-se “*de outras feitas*” (AMORIM, 2014, p. 73). Assim, vê-se que o apagamento identitário foi compensado no rebuscamento da linguagem, como se esses dois fatores pudessem ser perfeitamente intercambiáveis.

5 Todas as citações em inglês do presente trabalho foram traduzidas pelos autores do artigo. No original: “A translator cannot resist, oppose, or attempt to change everything objectionable in either the source or target culture... translators make choices about what values and institutions to support and oppose, determining activist strategies and picking their fights, even as they also make choices about what to transpose from a source text and what to construct in a receptor text. [...] Partialities are what differentiate translations, enabling them to participate in the dialectic of power, the ongoing process of political discourse, and strategies for social change.”.

Ainda com relação ao engajamento na tradução, Brownlie (2010) refere-se a essa prática sob o termo “ativismo” para descrever duas situações: o estudo e a promoção de tradutores e intérpretes ativistas e a defesa de determinadas causas relativas à tradução e à linguagem na nova ordem mundial globalizada. A pesquisadora frisa que cada situação sujeita à tradução deva ser analisada individualmente e que, portanto, aplicar uma estratégia única para todos os casos não é a solução:

Esta abordagem permite que o pesquisador estude e chame atenção para casos de tradução intervencionista sem defender que a mesma estratégia deva ser usada de maneira ideal em cada caso, o que tendia ser a abordagem dos teóricos ‘comprometidos’ anteriores. O caminho é deixado aberto para a tomada de decisão localizada, totalmente em resposta ao contexto tradutório específico em questão. Também é possível dizer que, para esses pesquisadores, as decisões tradutórias microdimensionais podem ter menor importância do que a atenção aos amplos contextos sociais do qual a tradução participa. (BROWNLIE, 2010, p. 45, tradução nossa⁶)

Nesse âmbito, Wolf (2012) apoia-se no conceito de *habitus*, forjado por Pierre Bourdieu (1983), para abordar o que ela denomina “virada ativista” na tradução que, segundo a autora, está relacionada ao florescimento do ramo da “sociologia da tradução”, uma vez que essa se configura como uma atividade primordialmente afetada pelas configurações sociais. A pesquisadora vai além das visões expostas acima e afirma que

[...] os tradutores e agências profissionais ou instituições educacionais devem ter em mente que seu papel é cada vez mais importante em situações em que o controle político e seus mecanismos regulatórios estão regendo a produção e troca econômica, social e cultural, em tal ponto que eles precisam se envolver com questões relevantes para o passado, presente e futuro da humanidade⁷. (WOLF, 2012, p. 137).

6 No original: “This approach allows the researcher to study and draw attention to cases of interventionist translation, without advocating that the same translation strategies should ideally be used in every case which tended to be the approach of the earlier ‘committed’ theorists. The way is left open for localized decision-making which is fully responsive to the particular translational context at hand. It is also possible to say that for these researchers micro-level translational decisions may be of less importance than attention to the broad social contexts in which translation participates.”.

7 No original: “individual translators and translation training institutions or professional associations should be aware that in a situation where political control and its accompanying regulatory mechanisms have been ruling economic, social, and cultural production and exchange, their role is increasingly important to the point that they have to engage with questions relevant for the past, present, and future of humanity.”.

Em vista disso, percebe-se que Wolf se alinha ao ponto de vista defendido por Venuti e Tymoczko por também propor que o tradutor intervenha em traduções quando observar a presença de vieses hegemônicos e opressores que possam afetar o funcionamento socioeconômico de determinado grupo ou instituição.

É com base nas considerações dos teóricos supracitados que propomos a intervenção do tradutor no *corpus* analisado, composto por falas de personagens homossexuais masculinos e mulheres transgêneras, caso se verifique o apagamento de suas identidades, a fim de que esses indivíduos pertencentes especificamente à Comunidade LGBTQ+⁸ não tenham suas identidades assimiladas à cultura heteronormativa⁹ opressora das culturas atuais, que perpetuam mecanismos de normalização da sociedade para que indivíduos que apresentem características desviantes das que se têm como “normal” estejam sempre marginalizados. É desse tema que a seção seguinte tratará.

Identidade, gênero e sexualidade

No início deste trabalho, mencionamos que as sociedades modernas vêm passando por mudanças em decorrência de vários fatores, entre os quais a globalização e o surgimento de novos padrões de comportamento. Nesse âmbito de transformações, Hall (2006, p. 7) suscita a questão da “crise da identidade”:

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Essa observação de Hall encontra eco na afirmação de Mercer (1990, p. 4) de que “a identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”¹⁰. Assim,

8 Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer* e mais. É digno de nota que essa sigla aglomera identidades de gênero (Trans), identidades sexuais (Lésbicas, Gays, Bissexuais), questionamentos (*Queer*) e outros tipos de identidades. Enquadram-se no “mais” os pansexuais (“sentem atração por todos os gêneros”), os assexuais (“pessoas que nunca, ou que raramente, sentem atração sexual”), os intersexos (“pessoas que, congenitamente, não se encaixam no binário conhecido como sexo feminino e sexo masculino”), os agênero (“não possuem gênero”), entre outras diversas identidades. Todas definições entre parênteses foram retiradas do *site Orientando* (www.orientando.org).

9 Richard Miskolci (2009), baseando-se em Chambers (2003) e Cohen (2005), explica que o termo “heteronormatividade” expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade.

10 No original: “identity only becomes an issue when it is in crisis, when something assumed to be fixed, coherent and stable is displaced by the experience of doubt and uncertainty.”

cultivamos, ao longo de nossa existência, certezas estáticas sobre nós mesmos e sobre o mundo ao nosso redor, e elas nos inscrevem em uma sociedade que imaginávamos ser fixa e à qual considerávamos pertencer, o que nos dava uma ilusão de unidade, completude e coerência à qual nos apegamos para acreditar que somos unicamente responsáveis por nossas ações e pelos nossos dizeres. Com a globalização e as mudanças estruturais sociais e de comportamento surgidas com ela, o sujeito que Hall (2006) define como sociológico dá lugar a um sujeito pós-moderno, incompleto, cindido por diversas identidades, às vezes contraditórias, o que entra em conflito com aquela fantasia de um todo uno e homogêneo que outrora alimentamos.

Essa cisão gerada pelas diversas identidades que nos constituem, muitas vezes díspares e heterogêneas, nos leva a uma outra problemática: se ora assumimos uma posição ora outra, como é possível pensar a identidade como algo já previamente estabelecido? A identidade é uma essência?

Em linhas gerais, conceber a identidade como essência implica aceitar que um conjunto de traços psicológicos, físicos e sociais permaneceria fixo com o decorrer do tempo. Essa cristalização de traços coletivamente semelhantes remete à criação e à manutenção de mitos fundadores, o que contribui para “essencializar” a identidade e torná-la acabada. Os mitos fundadores são mais associados a questões identitárias nacionais que estão mais além dos problemas suscitados neste trabalho, que se associam às identidades sexuais e de gênero dos sujeitos. No entanto, pode-se dizer que ao redor delas também há bastante controvérsia sobre os essencialismos que mencionamos anteriormente, uma vez que a vertente biomédica prevê dois tipos de sexo, vinculados necessariamente à presença do órgão genital, ao passo que vertentes relacionadas aos estudos feministas, de *gays* e *lésbicas* e *queer* as concebem como socialmente construídas. Destas, são célebres os dizeres de Simone de Beauvoir:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (BEAUVOIR, 1967, p. 9, grifo nosso).

Beauvoir defende que os indivíduos de diferentes gêneros ocupam papéis com funcionamento e expectativas moldados pela sociedade. Na maioria das sociedades, da mulher espera-se conduta submissa, respeitosa, frágil, a quem cabe zelar pela família no seio domiciliar, e aquelas que apresentarem comportamento divergente desse padrão – assim como os homens que agirem dessa forma “feminina” – são rotuladas negativamente, evidenciado nos adjetivos “sapatão” e “bicha” usados para ofendê-las por exprimirem condutas de sexualidade divergentes da norma. Em outras culturas, no entanto, os papéis de gênero não são os mesmos que conhecemos, o que corrobora o caráter socialmente construído do gênero, que se relaciona a padrões de comportamento.

A esse respeito, Butler (2016) vai além e forja o conceito de “performatividade”, com base nos atos de fala de Austin, importante linguista afiliado ao ramo da Pragmática. Segundo aquele conceito, os papéis de gênero ganham sentido dentro da linguagem discursivamente. Segundo a autora estadunidense:

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem *na superfície* do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem *status* ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. (BUTLER, 2016, p. 235).

Assim, segundo a autora, o gênero é construído no seio da sociedade, uma vez que é performado pelas pessoas atendendo às características estereotipadas que a sociedade atribuiu aos diferentes gêneros. Dessa forma, os comportamentos “falar demais”, “andar rebolando”, “brincar de boneca” e “usar rosa” são todos atribuídos à mulher, ao passo que “gostar de futebol”, “não se preocupar com estética” e “sustentar a casa” são ações historicamente associadas ao homem. Tais formas de pensar estão tão enraizadas na sociedade que ocorrem automaticamente sem que nos demos conta. Nas ruas, rotulam-se as pessoas com base em seus traços físicos, suas poses, suas maneiras de caminhar aos conceitos que se acreditam estar relacionados a fatores sociais e econômicos, por exemplo. A respeito da performatividade, Nigro e Chatagnier (2015, p. 21) discorrem que

Na medida em que gênero é performativo, uma repetição ritualizada de certas normas rígidas sociais, a construção não se dá somente por meio de fórmulas linguísticas, mas dentro de um contexto específico, no qual existe uma divisão sexual da sociedade, baseada em categorias que se apresentam naturais. O enunciado: “Mulheres são muito mais sentimentais que homens” somente faz sentido em um contexto no qual exista uma clara distinção entre homens e mulheres, bem delimitados e aceitos.

Embora sejam considerados nocivos por pressuporem comportamentos definidos para os gêneros, esses estereótipos são bastante aproveitados no momento da construção de personagens, pois funcionam como mecanismos de representação de grupos sociais. Nesse âmbito, Mendes (2006) realizou um estudo a fim de investigar o que, na opinião das pessoas entrevistadas, caracteriza um “falar *gay*”. De modo geral, as opiniões convergiram no que se refere à efeminação, sem que houvesse, contudo, uma explicação mais aprofundada para isso em termos fonológicos ou prosódicos. Outros fatores relativos à percepção da “fala *gay*” foram o fato de a entonação “subir e descer”

rapidamente e com frequência (conhecido como dinamismo de *pitch*); as vogais tônicas serem mais longas; e as palavras serem pronunciadas com “mais cuidado” e devagar; além de um uso mais padrão da gramática normativa (MENDES, 2006).

Em outro estudo, Mendes (2012) constatou que “há forte correlação entre categorias de sexo/gênero e usos do diminutivo no português paulistano”, indicando que tais traços, além de se constituírem socialmente como “fala *gay*”, podem ser usados pelo falante para sugerir sua orientação sexual. Nesse contexto, Gonçalves (2003) menciona o uso dos superlativos “-íssimo”, “-érrimo” e “-ésimo” como uma marca da percepção social da identidade sexual de um indivíduo. Essas características formais morfossintáticas resumem a efeminação, pois são aspectos tradicionalmente associados à fala de mulheres.

Além dos aspectos fonológicos e morfológicos citados acima, há também outros fatores semântico-pragmáticos recorrentes na fala de homossexuais (conhecida como *camp talk*) que foram suscitados por Keith Harvey (1998) com base na análise de duas obras literárias e suas traduções. O estudo, cujo *corpus* é composto pelas obras (i) *The City and The Pillar* (1965), de Gore Vidal, e a tradução *Un Garçon Près de La Rivière* (1981), de Philippe Mikriammos, e (ii) *Paysage de Fantaisie* (1973), de Duvert, e a tradução *Strange Landscape* (1975), de Sam Flores, fez emergir constatações bastante interessantes. Harvey constatou que a tradução para o francês de *The City and The Pillar* tendeu a apagar a identidade homossexual dos personagens, eliminando construções hiperbólicas típicas do *camp* (a “*perfect weakness*”, expressão usada para indicar desejo por outros homens intensificada pelo adjetivo “*perfect*” foi traduzida como “*un faible*” [uma queda]), deixando implícitos termos que se referem à homossexualidade (o termo “*gay*” foi transformado em “*en être*” [isso]) e omitindo marcadores conversacionais. Já o processo inverso, a tradução para o inglês do francês, apresentou resultados opostos, conferindo à identidade homossexual maior visibilidade por meio da intensificação da teatralidade, bastante recorrente no comportamento linguístico dos falantes que se identificam com a referida identidade, e do tratamento feminino que o texto original atribuiu no masculino aos personagens homossexuais (“*courait de gamin en gamin*” [corria de garoto em garoto] foi traduzido como “*runs from lady to lady*” [corre de moça em moça]).

Entre as principais características do *camp talk* apontadas por Harvey (1998) estão o humor, a teatralidade (evidenciada também pelo uso de hipérboles), o uso do feminino (seja de substantivos ou do grau feminino em adjetivos), a ironia, a intertextualidade (que funciona também por meio de referenciais externos) e o mecanismo de ataque e defesa conhecido como “solidariedade ambivalente”, no qual homossexuais se dão apoio mútuo por meio de ofensas ao físico ou ao comportamento do outro.

Vale a pena destacar que essas características típicas da fala de homossexuais também podem ser estendidas a mulheres transgêneras que, na maioria das vezes, buscam na

performance verbal, gestual e comportamental de mulheres cisgêneras um referencial único com base no qual construir suas próprias identidades, visto que, apesar de advogarmos pela natureza social do gênero, tais traços ainda são associados à ideia de mulher legítima (não obstante sabemos atualmente que essa ideia é ilusória).

Metodologia

Para investigar a tradução do *camp talk* na fala de personagens homossexuais masculinos e transgêneras femininas, escolhemos dois filmes do diretor e roteirista espanhol Pedro Almodóvar pelo fato de esses produtos, juntamente com telenovelas e séries, serem importantes produtos que trabalham com mecanismos de representação com base nos quais construímos, mudamos ou adaptamos nossas identidades. Os filmes escolhidos foram *Todo sobre mi madre*, lançado no ano de 1999, e *La mala educación*, exibido nos cinemas no ano de 2004, e essa opção de *corpus* se deu porque ambos apresentam personagens homossexuais masculinos e transgêneras femininas que empregam a linguagem abordada na seção anterior que se efetiva entre falantes pertencentes à comunidade LGBTQ+. Além disso, acreditamos que adotar dois filmes do mesmo gênero (drama), produzidos no mesmo idioma (espanhol), do mesmo diretor (Almodóvar) e com intervalo de tempo curto entre os lançamentos (5 anos) conferiria à nossa pesquisa maior fidedignidade, pois, muitas vezes, as identidades que estudamos poderiam ser retratadas com outro enfoque se o filme pertencesse a outro gênero; as diferenças no idioma talvez não refletiriam os mesmos padrões ou características linguísticas; o estilo do diretor facilitaria a comparação da dublagem de ambos; e as gírias ou socioletos não apresentariam alteração diacrônica significativa.

Com base na análise entre as falas originais no idioma espanhol e traduzidas para o português brasileiro de ambos os filmes, buscamos identificar as características do *camp talk* apontadas por Harvey (1998) a fim de analisar se elas também ocorrem entre os personagens do filme; apurar se as identidades foram recriadas com a mesma visibilidade que apresentam no original ou se foram assimiladas à ideologia heteronormativa dominante e tentar explicar por que a tradução se comportou de determinada maneira, caso se detecte uma mudança na recriação das identidades na comparação com o original. Além disso, para as traduções veiculadas na dublagem consideradas assimiladoras, proporemos, com base em Harvey (1998), Gonçalves (2003) e Mendes (2006, 2012), uma tradução própria que confira maior visibilidade às identidades das personagens em questão, conforme os estudos de Venuti (2013), Tymoczko (2010) e Brownlie (2010) relativos ao ativismo na tradução (tradução resistente, engajada, ativista). Essa maior visibilidade é obtida por meio da recriação das características linguísticas presentes na linguagem de homossexuais masculinos brasileiros utilizando-se, para fins lexicais, dicionários e termos típicos da gíria homossexual, compilados no *Dicionário Aurélia*, autodenominado o primeiro dicionário *gay* do Brasil. Para os filmes originais na língua espanhola, foi realizada pesquisa terminológica no *Diccionario de la Real Academia Española* (DRAE), em obras específicas e em *sites* terminológicos espanhóis e hispânicos.

Os resultados foram dispostos em tabelas na qual constavam a minutagem da cena, o nome do filme que compõe o *corpus* e as falas originais e dubladas. Para as traduções consideradas assimiladoras, acrescentou-se uma linha à tabela a fim de acomodar nossa sugestão de tradução engajada.

Resultados preliminares

Após a análise do *corpus*, foi possível constatar que a maioria das falas de ambos os filmes foi assimiladora. No entanto, na comparação entre os dois filmes, a dublagem de *Todo sobre mi madre* apresentou tendência a apostar mais em traduções engajadas que recriaram de maneira mais satisfatória (de acordo com os estudos sobre características formais e funcionais do *camp talk* mencionados na seção anterior) as identidades transviadas¹¹ das personagens. Nesse contexto, o filme *La mala educación*, inclusive, assimilou de maneira excessiva características linguísticas do *camp* que seriam recriadas apenas por meio de tradução literal, como, por exemplo, a fala do personagem homossexual Martín que se autodenomina “*la criada*” (a criada) que foi traduzida como “o criado” (minutagem: 6’40”), havendo a perda da estratégia de feminilidade suscitada por Harvey (1998) e bastante recorrente no *corpus* de maneira geral.

Por outro lado, algumas falas do filme *Todo sobre mi madre* cuja tradução consideramos assimiladora apresentou tendência a suavizar a carga semântica negativa de termos de baixo calão do original, como o termo “*hija puta*” (“filha da puta”, em português) que foi traduzido como “vagabunda” no filme dublado (minutagem: 24’17”) e o termo “*puta*”, referindo-se a prostitutas, foi recriado na dublagem como “vadias” (minutagem: 28’37”), sendo que o próprio termo ofensivo “puta” seria uma tradução “literal” adequada e não acarretaria a perda do conteúdo semântico que a troca ocasionou. Por sua vez, no filme *La mala educación*, também identificamos uma ocorrência de suavização de termo de baixo calão, como é o caso de “*coño*” (buceta, em português brasileiro) que foi traduzido como “droga” (minutagem: 10’12”). A escolha do termo “droga” em vez de outra palavra com carga semântica mais pesada implica perda da naturalidade, já que o uso de termos de baixo calão enquadra-se no recurso de “inadequação” apontado por Harvey (1998) como característica do *camp talk*. É importante ressaltar que sabemos que a modalidade específica de tradução para dublagem impõe alguns requisitos aos tradutores, sendo que um deles pode ser a amenização de palavras para não causar desconforto no telespectador. No entanto, nossas sugestões se deram levando em conta tão somente a promoção da visibilidade da identidade dos personagens em questão, já que algumas restrições típicas dessa modalidade de tradução audiovisual variam conforme o estúdio no qual é empreendido o processo de dublagem.

11 O uso do termo “transviado” nesta pesquisa é usado para referir-se ao conjunto de indivíduos transgêneros e homossexuais pela presença do prefixo “trans” e o termo “viado”, termo pejorativo empregado por homofóbicos para ofender homossexuais. Seu uso pelos próprios homossexuais promove, portanto, a ressignificação do termo.

Com relação às características do *camp talk* apontadas por Harvey (1998), constatamos que quase todas estiveram presentes nas falas das personagens analisadas, exceto pelo uso da língua francesa, que garantiria, dentro da língua inglesa, um efeito de requinte e elegância, bastante proveitoso para o *camp talk*, que trabalha bastante com a teatralidade. Aventamos que essa característica pode se dar exclusivamente na relação entre língua inglesa e francesa, apesar de não ser possível afirmá-lo. Entre os recursos apontados pelo referido autor, foi predominante o humor, em algumas falas de Paquito, personagem homossexual do filme *La mala educación*, e, de forma contundente, nas de Agrado, personagem transgênera do filme *Todo sobre mi madre*. Além do humor, também foi recorrente a teatralidade, identificada, ao nosso ver, quando as falas fogem do lugar-comum, da denotação, e apostam, por exemplo, em um uso maior de metáforas (quando Agrado se refere a Huma Rojo como “*Doña Sumé*”, expressão usada na língua espanhola para mencionar alguém indiretamente para não precisar nomeá-lo) e hipérboles (“*Es medio cirujana*”, quando Agrado busca elogiar a destreza de Manuela ao fazer-lhe curativos no rosto). Por sua vez, a feminilidade ficou restrita ao filme *La mala educación*, já que não consideramos o uso do feminino uma característica do *camp talk* ao referir-se a Agrado, pois, como esta performa identidade de gênero feminina, seria incoerente tratá-la no masculino, diferentemente do que ocorre com personagens *gays*.

Apesar de a tradução para dublagem ter primordialmente assimilado as identidades transviadas, houve algumas falas cujas traduções consideramos satisfatórias à luz das teorias sobre engajamento na tradução. São exemplos: a tradução de “*maricón*” por “*bichona*” (*La mala educación*, minutagem: 19’39”) quando Paquito se refere à sua amiga trans Zahara e esta, por sua vez, se refere a ele como “*tronquita*”, traduzido como “*amiga*”, o que reforça a estratégia de feminização do *camp talk*; e o uso do termo “*cabeludísimos*” (“*minhas amigas me contam segredos cabeludísimos*”) no grau superlativo sintético, apontado por Gonçalves (2003) como característica da linguagem de homossexuais, em adaptação à fala de Agrado no contexto em que esta afirma, no original, ser discreta por ter seguido a onda das amigas para que Huma Rojo (“*Doña Sumé*”) não percebesse (*Todo sobre mi madre*, minutagem 65’28”) ¹².

No âmbito entonacional, consideramos que houve um apagamento bastante marcante no que se refere à entonação das personagens analisadas na dublagem para o português. Apesar de a avaliação do que significa “*falar como gay*” ainda ser polêmica e carecer de bases teóricas consistentes, Mendes (2006, 2012) aponta o dinamismo de *pitch* como um traço da fala de homossexuais, que consiste na rápida alternância de tons graves para agudos, ao passo que Booth (1983), com relação à entonação e prosódia, destaca que se verifica, na fala de homossexuais, “*lassidão*” com ênfase em termos inadequados.

12 A tradução dessa fala foi uma maneira de adaptar a expressão “*Doña Sumé*”, usada para se referir a alguém cujo nome não se quer citar, sem equivalente na língua portuguesa. O tradutor, portanto, criou o efeito de sentido humorístico quando Agrado diz que é discreta por guardar “*segredos cabeludísimos*” das amigas.

Nenhuma dessas características suscitadas pelos autores se verificou nas falas das personagens. Aliás, pode-se afirmar que a entonação dos dubladores que deram voz às personagens homossexuais masculinas e transgêneras femininas se assemelhou bastante à voz dos dubladores das outras personagens da trama que não compartilham das mesmas identidades.

Considerando que se evidenciou um apagamento das identidades no filme dublado em relação às mesmas identidades no filme original, procuramos propor uma hipótese que desse conta de explicar esse comportamento. É importante ressaltar que, às vezes, as opções do tradutor não são a decisão final sobre a dublagem, uma vez que, nesse processo, influem outros fatores externos como as exigências do cliente e a ingerência do próprio estúdio de dublagem. No entanto, acreditamos que esses fatores restritos ao universo da tradução são influenciados diretamente por aspectos macro, como ideologia e cultura do país no qual a dublagem está sendo realizada. Nesse âmbito, buscamos investigar como a homossexualidade e a transexualidade são abordadas nos dois países e encontramos questões interessantes, que envolvem a discriminação contra essa população e os direitos adquiridos por ela.

Quanto à discriminação sofrida pela população LGBTQ+, tanto o Brasil quanto a Espanha têm legislações que criminalizam tal prática e salvaguardam os direitos de homossexuais e transexuais. Contudo, ao passo que a legislação brasileira foi aprovada em 2019 pela Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão nº 26, uma vez que o Congresso brasileiro não se posicionou sobre o tema, a legislação espanhola pune atos discriminatórios de maneira mais veemente por meio da Lei Orgânica 10/1995, aprovada 24 anos antes da brasileira. Nota-se o longo intervalo entre a regulamentação legislativa de um país e de outro, o que nos leva a crer que o tema é institucionalmente mais aceito no país ibérico do que no sul-americano.

Outro fator que corrobora essa hipótese de maior aceitação dessas identidades na Espanha do que no Brasil se evidencia no âmbito da Saúde, mais especificamente nas portarias para doação de sangue. Enquanto a Espanha não prevê nenhuma proibição ou tempo de espera para doação de sangue por homossexuais, a Portaria 1.353/2011 do Ministério da Saúde do Brasil considera "inapto temporário por 12 meses o candidato que tenha sido exposto a qualquer uma das situações [...] d) homens que tiveram relações sexuais com outros homens e/ou as parceiras sexuais destes" (BRASIL, 2011).

Em suma, as considerações expostas acima sinalizam que a temática explorada é abordada com muito mais liberdade e naturalidade na cultura do país de origem dos filmes do que na cultura brasileira, onde a dublagem foi veiculada. Uma vez que cultura e ideologia estão diretamente associadas ao processo tradutório, concebido, nesse sentido não só como a prática tradutória, mas como envolvendo questões extratextuais, como a escolha de textos, as diretrizes impostas sobre o tradutor e a censura, o fato de

a homossexualidade e a transexualidade serem temas mais caros à sociedade brasileira pode nos dar um indício do porquê as identidades que estudamos em nosso *corpus* foram mais suavizadas ou, até mesmo, apagadas na dublagem brasileira.

Conclusão

No presente trabalho, percorremos algumas importantes considerações sobre identidade, principalmente com relação à identidade sexual e de gênero, ficando evidente que, quando falamos de identidade, também falamos de diferença. O advento da globalização que inaugura um pensamento pós-moderno não só derruba as fronteiras geográficas e psicológicas, aproximando indivíduos, como também intensifica ainda mais as diferenças entre eles, que passam a conceber a si próprios de maneira fragmentada, não mais vendo-se como seres homogêneos e coerentes, mas como proprietários de diversas identidades, muitas vezes, inclusive, divergentes entre si.

Importante fator na criação, manutenção e contestação de identidades culturais, a tradução promove a ponte entre o doméstico e o estrangeiro, entre o eu e o outro, tendo sua existência garantida no limiar. As concepções leigas que se constituem verdadeiros lugares comuns avaliam uma tradução e enxergam a prática tradutória com base em uma suposta fidelidade a um significado único e imanente depositado em um texto, mesmo diante da efervescência de diversas teorias inscritas em uma conjuntura pós-colonial que sugerem uma intervenção pensada do tradutor para atenuar ou mesmo eliminar possíveis simulacros identitários que induzem à discriminação, preconceito e marginalização. Não se deve confundir essa fidelidade ao significado com o que propomos no presente trabalho. Ao conceber a tradução como transformação, é necessário ressaltar que existem transformações assimiladoras e transformações subversivas, sendo essa última a que nos propusemos a endossar, uma vez que as identidades marginalizadas geralmente tendem a ser suprimidas/censuradas no texto traduzido. Nesse sentido, consideramos as identidades desviantes das personagens um fator que deveria ser recriado na dublagem, pois seu apagamento se configuraria como uma transformação assimiladora, o que não consideramos satisfatório.

Fica visível, portanto, que a dinâmica entre identidades legitimadas pela normalização e aquelas desviantes suscita atravessamentos ideológicos que nos constituem discursivamente e que, sua aplicação pelos Estudos da Tradução causa um impacto não só no âmbito linguístico, como também em nossas práticas sociais como sujeitos.

REFERÊNCIAS

AMORIM, L. M. Quando gestos não políticos são políticos: a tradução brasileira de Giovanni's Room, de James Baldwin, e a questão da homossexualidade. *Mutatis Mutandis*, v. 7, n. 1, p. 62-82, 2014. Disponível em: <https://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/mutatismutandis/article/view/18885>. Acesso em: 15 jan. 2009.

BASSNETT, S. *Translation Studies*. London e New York: Routledge, 2002.

BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo: A experiência vivida*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BOURDIEU, P. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Ação direta de inconstitucionalidade por omissão nº 26/DF – Distrito Federal. Relator: Ministro Celso de Mello. Diário da Justiça Eletrônico nº 142, 01 julho 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3lHeG4V> Acesso em: 03 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 1.353, de 13 de junho de 2011. Aprova o Regulamento Técnico de Procedimentos Hemoterápicos. Diário Oficial da União nº 229, Brasília, DF, 30 nov. 2010, Seção 1, p. 79.

BROWNLIE, S. Committed Approaches and Activism in Translation Studies Research. In: GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, L. (ed.). *Handbook of Translation Studies*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 45-48.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

ESPANHA. Ministerio de Sanidad y Consumo. Gabinete do Ministro. Decreto Real nº 1.088, de 16 de setembro de 2005. Estabelece os requisitos técnicos e condições mínimas da doação de sangue e dos centros de serviço de transfusão. Boletín Oficial del Estado nº 225, Madri, 20 set. 2005.

EVEN-ZOHAR, I. Teoria dos polissistemas. Tradução Marozo, Luis Fernando, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. *Revista Translatio*, v. 4, p. 2-21, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/viewFile/42899/27134>. Acesso em: 3 set. 2019.

GONÇALVES, C. A. A função indexical das formações X-íssimo, X-ésimo e Xérrimo no português do Brasil. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 47-59, 2003.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

JESUS, J. G. de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. *Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*. 2012. Disponível em: [http:// https://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta__es_popula__o_trans](http://https://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta__es_popula__o_trans). Acesso em: 15 abr. 2019.

HARVEY, K. Translating Camp Talk: Gay Identities and Cultural Transfer. *The Translator*, Manchester, v. 4, n. 2, p. 295-319, 1998.

HERMANS, T. Translation Studies and a New Paradigm. In: HERMANS, T. (org.). *The Manipulation of Literature*. London: Croom Helm, 1985. p. 7-15.

LEFEVERE, A. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. Londres e Nova York: Routledge, 1992.

MÁ educação. Direção: Pedro Almodóvar. Produção: Augustín Almodóvar. Intérpretes: Gael García Bernal; Fele Martínez; Daniel Giménez Cacho; Luis Homar; Francisco Boira, Javier Cámara e outros. Roteiro: Jean-Paul Gaultier; José Luis Alcaine; Paco Delgado; Pedro Almodóvar. Madri: Twentieth Century Fox Corporation, 2004. 1 DVD (105 min), Color. Legendado/Dublado. Produzido por Twentieth Century Fox Home Entertainment. Título original: La mala educación.

MERCER, K. Welcome to the jungle. In: RUTHERFORD, J. (org.). *Identity: community, culture, difference*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

MENDES, R. B. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 113-124, jun. 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica/wp-content/uploads/2012/06/revista-linguistica-v8-n1-diminutivos-como-marcadores-sexo-genero2.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MENDES, R. B. O que significa falar como gay em São Paulo. *Anais*. São Paulo: [s.n.], 2006.

MISKOLCI, R. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, jun. 2009.

NIGRO, C. M. C.; CHATAGNIER, J. C. *Literatura e gênero*. São José do Rio Preto: HN, 2015.

STEINER, G. *After Babel: Aspects of Language and Translation*. London e Oxford: Oxford University Press, 1998.

TUDO sobre minha mãe. Direção: Pedro Almodóvar. Produção: Pedro Almodóvar. Intérpretes: Cecilia Roth; Candela Peña; Marisa Paredes; Antonia San Juan; Penélope Cruz; Rosa María sardá. Roteiro: Pedro Almodóvar. Madri: Twentieth Century Fox Corporation, 1999. 1 DVD (101 min), Color. Legendado/Dublado. Produzido por El Deseo S.A; Renn Productions; France 2 Cinema. Título original: Todo sobre mi madre.

TYMOCZKO, M. *Translation, Resistance, Activism: An Overview*. In: TYMOCZKO, M. *Translation, Resistance, Activism*. Amherst e Boston: University of Massachussetts Press., 2010.

VENUTI, L. Tradução, simulacro, resistência. Tradução Roberto Mário Schramm Jr. In: BLUME, R. F.; PETERLE, P. (org.). *Tradução e relações de poder*. Tubarão: Copiart, 2013.

WOLF, M. The sociology of translation and its "activist turn". *Translation and Interpreting Studies*, v. 7, n. 2, p. 129-143, 2012.